

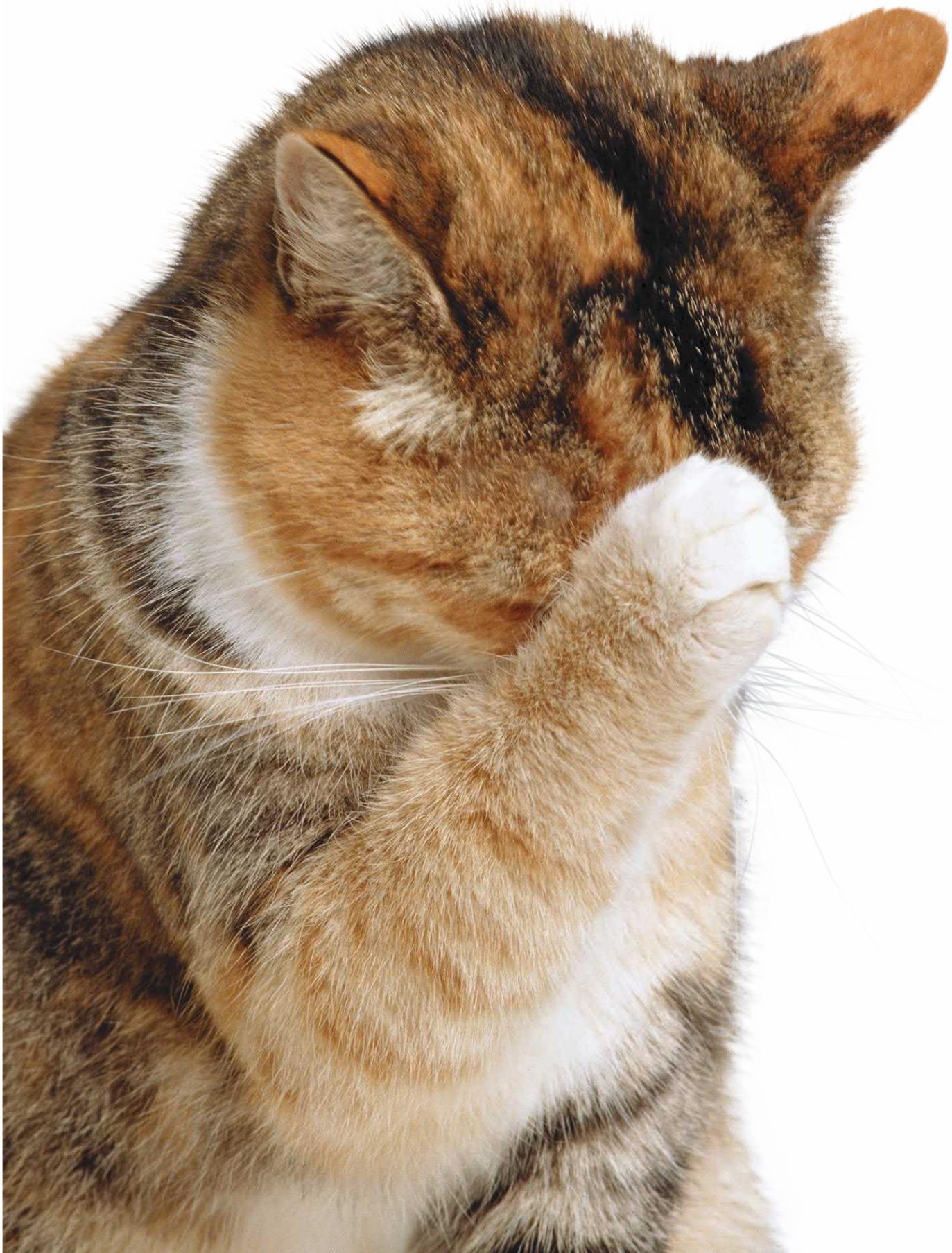


O sexo que eles (não) fazem

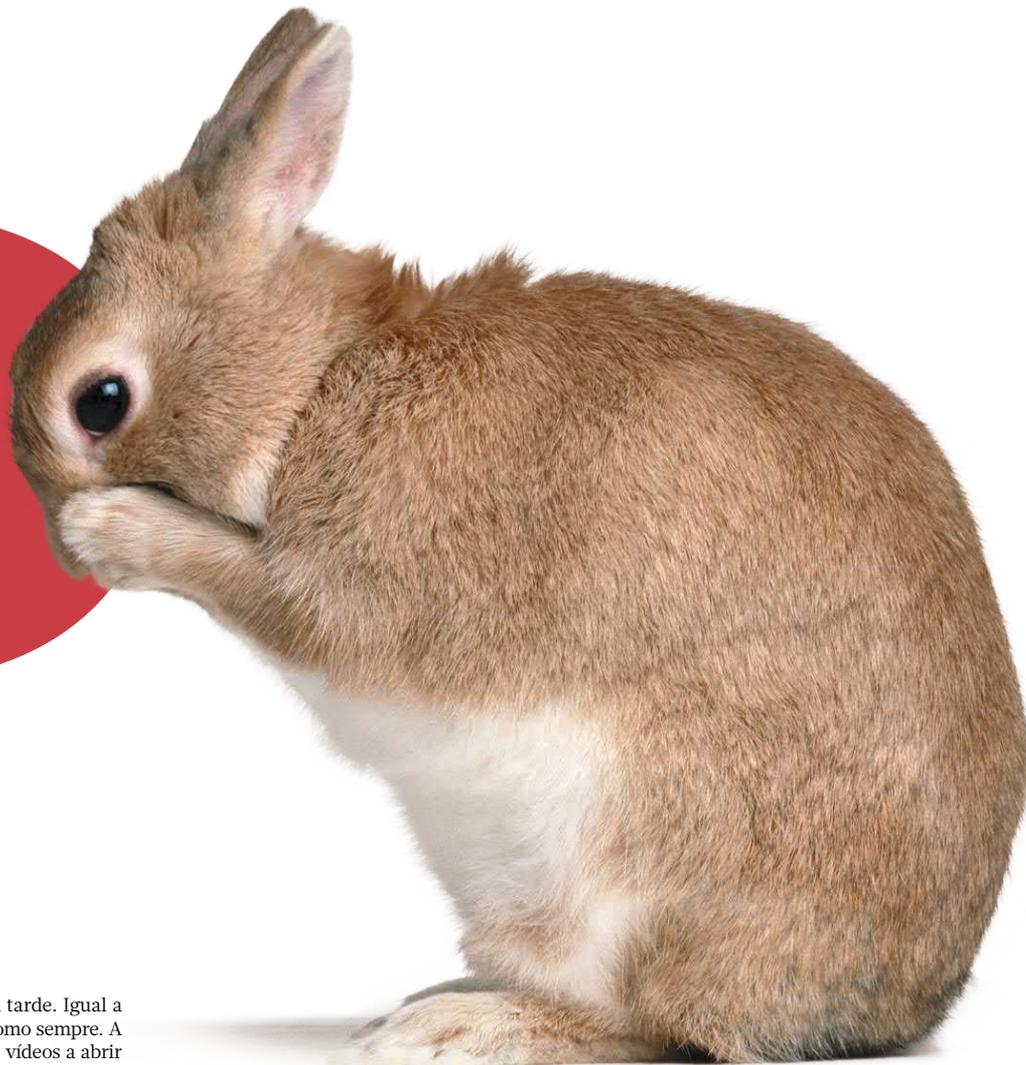
Estarão os jovens a trocar o sexo por todas as outras atividades que os chamam? Há ecrãs a mais, contacto físico a menos, uma vida cheia, pressão, ansiedade e novas formas de sexualidade. Onde estamos, afinal?



TEXTO
JOÃO DIOGO CORREIA



P



ara Rafael, aquela era só mais uma tarde. Igual a tantas outras. Sozinho no quarto, como sempre. A porta fechada. Escolheria a dedo os vídeos a abrir no computador, até se ocupar de um deles. Seguir-se-ia um ligeiro período de espera, um arrepio a pedir para o movimento ser constante e repetitivo, cada vez mais rápido, mais intenso, os olhos fechados, um enorme *shot* de calor a subir pelo corpo. E “uma ejaculação sem graça”. “Senti desgosto”, conta. Lembra-se de pensar que “jamais andaria de cabeça erguida pela rua se as pessoas soubessem o que tenho feito”.

Aos 28 anos, namorava, tinha uma vida sexual ativa, mas havia sempre qualquer coisa que o puxava para o computador. Algo maior que já não distinguia. Começara aos 19 e agora era tão normal como escolher a roupa do dia. Mas não conseguia livrar-se da tal estranha sensação. Aconteceu mais tarde e graças a um programa de *reboot*, palavra inglesa que descreve um processo de abstinência. No seu caso foram 90 dias. E o vício parou. Foi há quatro anos.

Rafael encontrou a solução na internet, onde tinha encontrado o problema. O nada em vez do tudo. A sua geração cresceu a acompanhar a explosão da pornografia *online*. O que antes era escasso e de difícil acesso tornou-se, em pouco mais de um década, num produto *mainstream*. Há milhares de sites pornográficos gratuitos, acessíveis a qualquer

hora e a partir de qualquer dispositivo. Os conteúdos explícitos tornaram-se banais e o sexo entrou de forma definitiva nas conversas de todos os dias. É neste mundo de abundância e absoluta disponibilidade, tão longe dos dias de juventude de Rafael, que algo inesperado parece estar a acontecer. Os jovens de hoje interessam-se cada vez menos pelo conceito tradicional de sexo, contrariando tudo o que os pais tendiam a pensar deles.

É possível que não haja uma só explicação. Existem novas formas de fazer sexo, opções suficientemente satisfatórias dentro de um ecrã, pouco tempo disponível, muita ansiedade e afazeres, uma obrigação de sucesso a cumprir, orientações sexuais de que há 20 anos ninguém falava e muito menos assumia. Há mais liberdade para dizer que até aqui “sim” e agora “não”. O sexo, como a pornografia, divide-se em tantas histórias que é difícil parar de andar às voltas. “Ou é porque os jovens estão a fazer de mais ou porque estão a fazer de menos”, ironiza Daniel Cardoso, professor na Universidade Lusófona — que concluiu o doutoramento com uma tese chamada “Entre Corpos e Ecrãs: Identidades e

sexualidades dos jovens nos novos media”. “Vamos com calma, temos de respirar fundo e perceber que há aqui coisas mais complexas.”

O FIM DA LIBIDO? É COMPLEXO

A revista “Atlantic” fechou 2018 com um longo artigo em que ouviu jovens e especialistas sobre aquilo a que chamou a “recessão sexual”. Rapidamente difundido, o trabalho assinado por Kate Julian rendeu frases, no mínimo, orelhudas: “No espaço de uma geração, o sexo passou de algo que a maioria dos estudantes do secundário já experienciou para algo que ainda não fez”; “Pessoas nos vinte são duas vezes mais propícias à abstinência do que a Geração X [anterior a esta] na mesma idade”; nos Estados Unidos da América, “cerca de 60% dos adultos abaixo dos 35 anos vive sem cônjuge ou parceiro”; “no Japão, em 2015, 43% dos jovens (entre os 18 e os 34) eram virgens”. Num tempo em que tudo é mais acessível, em que se tornou mais fácil encontrar alguém com os mesmos gostos do outro lado do mundo, os que estão na primavera da vida e, supostamente, no pico do desejo, andam,

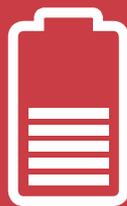
afinal, a evitar a cama. O mote está lançado: chegámos à era do fim do sexo? Ou apenas a outras formas de o praticar? As respostas estão diferentes ou as perguntas mal feitas?

Os alarmes tinham começado a soar em agosto de 2016, quando a revista “Archives of Sexual Behaviour” publicou um estudo sobre hábitos sexuais feito com cerca de 27 mil jovens norte-americanos nascidos entre os anos 80 e 90, conhecidos como *millennials*. A pesquisa indicava que a média do número de parceiros sexuais tinha diminuído em relação às duas gerações anteriores e que era na metade mais jovem dos *millennials* que as diferenças mais se notavam. Alguém nascido na última década do século era duas vezes mais propenso a passar sem sexo pelos primeiros anos da vida adulta. Mais do que isso, a percentagem de jovens entre os 20 e os 24 anos que disse não ter tido qualquer relação sexual depois dos 18 foi de 15%, mais do dobro do registado na geração de 60 (6%). Sem distinções relevantes de género ou orientação sexual.

Alguns pontos permaneciam, porém, em aberto: não era certo que os inquiridos, apesar da abstinência pós-maioridade, não tivessem experimentado o sexo antes disso. Também estavam por provar as causas dessa abstinência, se voluntária ou forçada pelas contingências da vida. E ainda se aventava a hipótese de que os jovens de gerações anteriores, no que diz respeito a perguntas sobre o tema, tivessem uma relação mais difícil com a verdade. Se em nenhuma época parecem faltar histórias de conquistas e aventuras amorosas mirabolantes, notava Cath Mercer, analista da University College, de Londres, “os jovens [de hoje] talvez estejam mais confortáveis a expor a própria inatividade sexual e inexperiência”. Ainda assim, Ryne Sherman, da Universidade da Florida e um dos coautores do estudo, foi categórico quanto baste: “O que isto provavelmente significa é que há mais jovens virgens do que havia no passado.”

Aquele não era o primeiro sinal. Apesar de poucos países terem estudos aprofundados sobre a vida sexual dos jovens e adolescentes, o “Britain’s National Survey of Sexual Attitudes and Lifestyles”, um dos mais respeitados no Reino Unido, tinha comparado a frequência com que os cidadãos faziam sexo em 2001 e a que estavam a fazer em 2012. Mesmo sabendo que o espectro era mais alargado (dos 16 aos 44 anos), a primeira média apontava para mais de seis relações por mês, enquanto a segunda estava abaixo das cinco. Em pouco mais de uma década, era já possível medir e apontar transformações no sexo dos britânicos. O interesse pelo sexo está a diminuir.

Talvez as perguntas que estão a ser feitas não sejam as corretas. O que é fazer sexo? Patrícia Pascoal diz que ainda “não temos dados recolhidos por estudos longitudinais ou com questões iguais para comparar com rigor” e pede “cuidado ao olhar os resultados” que já temos. “Podemos estar a falar de perguntas diferentes acerca de componentes diferentes da sexualidade”, considera, porque se as



Há “o estigma de que uma relação sem sexo é menos importante, menos saudável e menos feliz”. Para a investigadora Rita Alcaire, não é

regras do jogo fossem iguais para todos, os resultados seriam outros. “O *sexting* existia há 30 anos? Não. Então podemos dizer que há mais sexo porque há mais *sexting*? Não”, avisa a presidente da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica (SPSC). O anglicanismo a que se refere define a troca de mensagens íntimas, que podem ir e vir em forma de texto, vídeo ou fotografia, e que se tem popularizado entre os mais novos. Os números publicados no “JAMA Pediatrics”, jornal da American Medical Association, dizem que, num universo acima dos 10 mil adolescentes, um em cada quatro aderiu ao *sexting*.

“O telemóvel e as tecnologias em geral fazem parte de nós”, assegura Tomé Antunes, atualmente no 9º ano, o que explica que estas sejam também usadas na iniciação sexual. Os riscos não são novos para alguém a caminho dos 15 anos. “Os ‘*nudes*’ [*selfies* de nudez] são uma coisa que cada vez é levada com mais naturalidade, mas que muitas vezes traz problemas, como o assédio, *bullying*, etc. Aliás, uma rapariga da minha turma passou por uma situação do género e foi um escândalo.” *Nudes* não solicitadas “é uma coisa em que muita gente já esteve envolvida, nem que seja por ter recebido de uma conta *fake*”, conta Tomé, que garante que, ainda assim, o tema da sexualidade é falado com “naturalidade” entre os colegas.

O HBSC — Health Behaviour in School-aged Children, da Organização Mundial da Saúde, é um retrato quadrienal sobre os adolescentes realizado em 44 países. Em Portugal, é da responsabilidade da equipa Aventura Social, da Faculdade de Motricidade Humana, coordenada por Margarida Gaspar de Matos, que começou a fazê-lo em 1998, tempo suficiente para que tenha percebido mudanças de comportamento nestes jovens e adolescentes, dos 6º, 8º e 10º anos. “A vida relacional, afetiva, amorosa, mudou muito nos últimos anos, com a questão das redes sociais. Hoje, a pessoa corta, interrompe, arranja um avatar. Há toda uma outra maneira de ver as relações.” Nas redes sociais, cada um é livre de mostrar de si o melhor ângulo, de esconder o que não quer que se veja e de exaltar o que supõe que os outros admiram. Há sempre um filtro, que é também literal: os efeitos que se podem usar numa fotografia no Instagram são tantos que não faltam artigos a tentar perceber os melhores. Com as possibilidades de um leque de filtros, só por distração ou convicção continuam a ver-se os defeitos.

Para Laiz Chohfi, estudante brasileira a concluir o doutoramento em Psicologia na Universidade de Évora, pode ser difícil passar de um mundo construído para um mundo real, sobretudo no sexo. “No virtual, você não precisa ser, só parecer”, e por isso “ninguém tem ejaculação precoce, ninguém tem mau hálito, ninguém cheira mal”. Ninguém perde o controlo. Considera Chohfi que é como fingir que alguém se abre ao mundo, ao mesmo tempo que encolhe essa abertura, uma forma de estar que pode ter “muito de geracional”.

De uma juventude anterior à da doutoranda brasileira, a coordenadora do HBSC concorda com

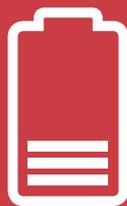
a ideia de que “o ecrã tem grandes vantagens” em relação às pessoas. “Ele não contamina, não transmite doenças, está sempre disponível.” Quando falta um amigo, “há outro, ou aparece alguém do outro lado”, com quem se pode começar e acabar qualquer coisa a qualquer hora. “E as pessoas não são assim, ainda que no amor haja toda aquela ideia muito anos 50, dos apaixonados que perdem tempo na conquista e na sedução”, compara a professora catedrática da Universidade de Lisboa. “Isso é muito tempo para o período em que vivemos.”

O TEMPO É NÃO TER TEMPO

Uma das perguntas feitas aos adolescentes dos 8^o e 10^o anos no estudo da HBSC é se já tiveram a primeira relação sexual. Em 2002, quase 24% relatavam ter perdido a virgindade até àquela data, um número que foi caindo em todos os estudos seguintes, até ao mínimo atingido em 2018: está em 16,2% a percentagem dos que chegaram à idade média de 15 anos com pelo menos uma experiência sexual. Tomé não sente “pressão nenhuma”, mas admite que entre os rapazes ainda há “quem mande bocas do género ‘ninguém vai virgem para a secundária’”. A fazer fé na amostra, não é bem assim.

“Os miúdos estarem a ter menos relações sexuais naquelas idades em que os apanhamos é um facto que, do ponto de vista da saúde, não é bom nem mau”, afirma a coordenadora Margarida Gaspar de Matos, para quem o que é preciso é entender a causa das coisas. “Eu acho que é fantástico saberem que o sexo é importante. Se acharem que têm mais que fazer enquanto crescem e outro tipo de relações a explorar entre as pessoas, é muito interessante. Até um dia, quando finalmente ficarem motivados por uma pessoa em especial, desenvolverem todo o filme da sexualidade.” A psicóloga clínica da saúde acompanha os alunos até ao primeiro ano de mestrado, quando têm uma média de 22 anos, e não nega que haja um “aparente desinteresse” pelo sexo. Explicá-lo é mais difícil. “É evidente que não tenho dados sobre isso e é uma conversa que vou ter com eles nos próximos quatro anos.”

À medida que as pesquisas parecem validar as ideias sobre uma geração que já pouco se lembra da vida sem internet, algumas ganham força, como a que diz que esta é por natureza “mais individualista”. Estaria então mais centrada na construção de si mesma? Seria uma geração mais individualista, menos erotizada? Pode o niilismo estar a matar o erotismo? Gaspar de Matos diz que, apesar de “nos parecer, não podemos generalizar”. É provável que ainda não haja distanciamento suficiente para “ver a *big picture* e perceber o que faria os jovens agrupar-se e agir em grupo”, pelo que “se está a explorar essa alternativa [do individualismo] ainda em fase de ‘namoro’”. A psicóloga considera, aliás, que “a construção de si é um bom meio para se chegar aos outros” e é preciso esperar que os jovens superem o desafio de “passar da individualidade à alteridade”. O problema pode não ser deles, “mas do nosso olhar”.



**Em 2002,
quase
24% dos
adolescentes
portugueses
relatava
ter perdido
a virgindade
até ao
10^o ano.
Em 2018, o
número caiu
para 16,2%**

Os estudos da HBSC trazem, porém, algumas certezas sobre a vida que levam, em Portugal e na maioria dos países por onde passam. “Têm muito pouco tempo, dormem muito pouco, bem menos do que as oito horas que deviam”, e parte dessa história pode ser contada pela obrigação de ser melhor, na escola, em casa, nas relações, numa escala de sucesso que replica a fórmula quantitativa das redes sociais, medida em número de *likes* e partilhas.

Na Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, Patrícia Pascoal sente-o todos os dias. “Globalmente percebe-se na clínica que as pessoas esperam encontrar nas relações uma espécie de spa emocional que as ajude a lidar com a instabilidade e pressão para o desempenho no mundo atual.” É preciso, porém, tirá-lo dos assuntos da cama. “Quando trazemos a performance, o desempenho, a quantificação para a área da sexualidade, mecanizamo-la, desvirtuamos o seu potencial de autodescobrimento e prazer”, completa.

Tomé Antunes não se sente pressionado a ser o melhor, ainda que admita que essa cultura existe entre os mais novos — “isso vem de casa, e eu tenho a sorte de nunca me terem posto esse ‘peso’”. Admite também que não tem tardes livres e que o horário pode tornar-se “mais puxadinho”, mas não o considera “o fim do mundo”. Se juntasse a essas horas de obrigações o tempo que passa nos ecrãs, “se calhar mais três horas”, não lhe sobriam mais.

Houve um tempo não muito distante em que os pais “andavam satisfeitos” com o facto de os filhos se ocuparem por si mesmos sem sair de casa, garante Margarida Gaspar de Matos. “Os miúdos não iam para os copos, ficavam em casa, e é verdade que há um conjunto de comportamentos de risco que tem vindo a baixar.” Nasceram outros, para os quais nem todos estão preparados, até porque “os miúdos têm muito mais literacia informática do que os pais”. E se a psicóloga tem dúvidas do que deve ser feito, tem menos sobre o que não deve. “A solução não passa por ter as *passwords* dos filhos”, alerta, lembrando o caso de uma menina que fez “uma tentativa de suicídio” após ter sido insultada pela mãe, que lhe descobriu um perfil experimental nas redes sociais. “Aquilo era uma brincadeira” que a mãe não soube interpretar, o que podia ter sido feito “com base numa conversa”.

Pais a falar com os filhos sobre sexualidade é um passo ainda por dar. Gaspar de Matos recorda o grupo de trabalho de que fez parte entre 2005 e 2009, que preparava uma forma de levar às escolas a educação para a saúde e bem-estar, sem fazer da educação sexual uma disciplina, uma vez que os alunos já tinham várias. “Era uma coisa inovadora na Europa inteira, mas caíram-nos em cima à esquerda e à direita.” Os pais também: “Tínhamos imensas comissões de pais a queixarem-se, a dizer coisas como que os filhos eram deles.”

Dez anos depois, os filhos não só continuam a ser dos pais como a passar cada vez mais tempo com eles por perto. Nos Estados Unidos, os censos



mostram que existem “agora mais jovens a viver com os pais do que em qualquer outra configuração”, realidade que não costuma favorecer a prática sexual e que é oposta à do fim do século passado. Em 1970, a maioria dos americanos entre os 18 e os 34 anos estava casada ou em união de facto, partilhando casa com o parceiro em qualquer dos casos. Na Europa, o cenário atual não é muito diferente e Portugal está nos países onde mais tarde se abandona o ninho. Um estudo do Eurostat coloca a média europeia nos 26 anos, com os países nórdicos a ocuparem os primeiros lugares da tabela. Na Suécia, Dinamarca e Finlândia sai-se de casa antes dos 22 anos, em média, tal como no Luxemburgo. No extremo oposto, os jovens malteses, croatas e eslovacos fazem-se independentes apenas depois dos 30, não muito longe dos portugueses, que têm a média fixada nos 29 anos.

Os especialistas sugerem uma ligação entre as condições de acesso ao mercado de trabalho e os resultados do estudo, sinal de que também a pressão e a ansiedade colocadas no futuro dos jovens pode estar a tirar-lhes horas ao sono. “A questão

do sexo mexe muito com emoções”, explica Gaspar de Matos, perguntando: “Quem consegue concentrar-se no estudos se passou por um desgosto de amor?” A psicóloga garante já ter encontrado uma relação direta entre o amor e as notas. Numa das pesquisas em que participou, “os jovens que declararam ter um relacionamento amoroso tinham mais tendência para se sentirem stressados com a escola”. Assim, conseguir adiar o amor, o sexo, ou os dois, “pode ser interessante”.

Tudo isto são ainda hipóteses, suposições, talvez caminhos para explicar o que se passa com o sexo na juventude. “Até podemos ficar um bocadinho inquietos, mas mantemos a abertura e a flexibilidade”, diz Gaspar de Matos, há 20 anos a tentar percebê-los. “Há sempre motivos para as coisas acontecerem.”

AMAR SEM SEXO

No princípio era uma espécie de medo, como se a língua não tivesse palavras para dizer o que estava na cabeça. Tinha 15 anos e estava apaixonada. Parecia certo, mas como se chamava a quem não

queria dar o passo que os outros meninos e meninas queriam? A relação de Noémia Santos durou três anos e meio e só ao fim de algum tempo sentiu atração sexual suficiente para avançar. Até podia ser da idade, mas para trás estava já uma história de alguém que “nunca tinha nada a dizer” quando os outros adolescentes “falavam das paixões e namoros”.

Hoje, aos 24 anos, já sabe dar nome ao que sente — demisssexualidade é uma das palavras a juntar ao glossário da nova sexualidade, que “sempre existiu”, mas a que ninguém sabia dar nome. Um demisssexual não sente atração por ninguém, a não ser que se estabeleça uma ligação afetiva forte. “Distingue-se aqui a libido da atração sexual, uma vez que a libido se resume à reação física, à excitação em si, enquanto a atração é ter essa libido direcionada a uma pessoa ou pessoas específicas.” Quando isso simplesmente não acontece, com ou sem ligação afetiva, a pessoa descobre-se “assexual”. Noémia diz que não tem dúvidas que isso sempre causou estranheza, mas apenas nos outros: “Existe uma grande expectativa de que todas as pessoas

tenham a mesma forma de sentir atração sexual, mas isto não acontece. Para mim não fazia sentido forçar-me a sentir algo que não sentia.” Criou o GAAP — Grupo Assexual e Arromântico Português, que cabe dentro do chapéu da comunidade *online* Assexuais em Portugal.

Para Rita Alcaire, “comunicação e consentimento são palavras-chaves”. Antropóloga, estuda a realidade dos casais sem sexo, “quase sempre vivida em segredo”, num projeto de doutoramento chamado “The Asexual Revolution: Discussing assexuality through the lens of human rights” (“A Revolução Assexual: Discutindo assexualidade sob a lente dos direitos humanos”), parceria entre o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC) e o Instituto de Investigação Interdisciplinar. Garante que este é um “espectro bastante alargado” de pessoas, com experiências diferentes, onde há quem tenha “contactos românticos ou sexuais” e até quem mantenha relações com quem não se define como assexual.

A investigadora recorda um dos casos que conheceu durante a pesquisa, em que “ela se identificava” e ele não, o que não impedia que a ausência de sexo entre ambos fosse “vivida de forma pacífica e sem pressão” para que mudasse. “O que não podia de forma alguma [acontecer] era saber-se disso fora da relação”, lembra Rita Alcaire, para quem esse é um sinal de que há “um claro confronto entre as expectativas sociais do que é ser considerado um casal de sucesso e aquilo que é a realidade vivida tranquila e quotidianamente”.

Rita como Noémia são claras ao dizer que “não há desconforto”, tão-pouco dúvidas. “Aliás, o maior argumento médico para a assexualidade ser considerada uma orientação sexual e não uma patologia é mesmo o facto de não causar desconforto”, explica a segunda. A primeira considera que falta acabar com a “grande invisibilidade” a que esta “realidade expressiva” tem sido votada. É “um estigma associado à ideia de que uma relação sem sexo é menos importante, menos saudável e menos feliz”. Para Rita Alcaire, não precisa de ser. “Somos ensinadas a pensar desde cedo que estes diferentes tipos de atração vêm sempre juntos, ou mais ainda, são uma e a mesma coisa, um todo [amor e sexo]. O que a assexualidade nos vem mostrar é que não é necessariamente assim.”

QUERER E NÃO SE VER

Ao contrário da assexualidade, o crescimento da abstinência voluntária ou provocada por fatores externos é uma história feita de dúvidas e paradoxos aparentes. “Seria expectável, com base na noção comum de aplicativos como o Tinder, que [este] fosse um grupo que está à procura de *hookups* e não de relacionamentos longos”, disse Ryne Sherman, da Universidade da Florida, logo na apresentação do estudo da “Archives of Sexual Behaviour”. *Hookup* é o termo inglês para relação fugaz, sexo sem compromisso. Não é novo, mas entrou com mais força nos debates sobre o tema



A “recessão sexual” foi decretada. Resta saber se os jovens mudaram ou se as perguntas estão mal feitas

quando surgiram as primeiras impressões de que a frequência com que os jovens faziam sexo estivesse a ser sobrestimada. A ideia de que o outro, especialmente quando jovem, tem atividade profícua é quase tão antiga quanto o próprio sexo. “É sempre evocada esta bitola, uma bitola imaginada. Os outros fazem muito e melhor”, conta Patrícia Pascoal. É “a galinha da vizinha...”, mas é também o sucesso de *apps* de encontros, como o Tinder.

Laiz Chohfi faz uma breve incursão mental pela biblioteca de pacientes e lembra alguns “que usam o Tinder só para se divertir” e viver o jogo do *flirt*. A tendência foi também sugerida num estudo de 2018 feito pela Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia com utilizadores da *app*. O Tinder era por eles visto sobretudo como diversão, uma boa ferramenta para momentos de tédio. Uma porta entreaberta que nem sempre se escancara. “O jogo de sedução é bom porque põe alguém a dizer tudo o que você quer escutar”, reflete Chohfi.

É aqui que damos a volta à história para voltar a perguntar: o que é fazer sexo? Daniel Cardoso acha que é possível que as pessoas, e sobretudo os jovens, estejam a encontrar outras e novas formas de o viver. Chama-lhe “um descentramento sexual” ou uma “desgenitalização do sexo”, que passa “de meia dúzia de práticas para um leque mais alargado” e que faz com que seja possível que muitos destes estudos reflitam uma redução não total, mas apenas daquilo a que até aqui nos habituámos a ver e ouvir. “Se olharmos para a sexualidade como algo mais diverso, mais variado, se calhar não temos aquela visão de ‘ai socorro, que o sexo está a morrer’”, comenta. A tecnologia, acredita, não veio afastar as pessoas. Dá como exemplo a queda de divórcios em Portugal, que os números provisórios da Pordata confirmam (menos quase dois mil entre 2015 e 2017), e assegura que é “menos que tecnologia que faz coisas, e são mais as pessoas que fazem coisas com a tecnologia”. Os jovens estarão, assim, a “criar sentido nas suas experiências e a incorporar a tecnologia nisso”.

Daniel Cardoso tem um último argumento para evitar alarmes: a “falsa associação” entre a ideia de uma geração com maior liberdade e a ideia de uma geração com maior atividade. “A minha liberdade de dizer sim é também a minha liberdade de dizer não.” À boleia dessa imagem, Margarida Gaspar de Matos recua na vida da sociedade portuguesa, “que não era nenhuma maravilha”, para lembrar a “quantidade de pessoas que vivia com quem não gostava, que tinha relações com quem não queria”. Por isso vê como um enorme “salto civilizacional” os jovens “já não jogarem jogos de poder à volta do sexo, nem terem de o jogar como coerção”. Mais do que contas de somar e subtrair, falta então perceber se as pessoas se estão a sentir estruturalmente bem. E a psicóloga sabe onde está. “Atenta e curiosa, mas não especialmente ‘derrotada’ com estas opções.” ●

jdcorreia@expresso.imprensa.pt